

COM SESSÕES PRESENCIAIS E ONLINE, 17ª CINEOP EXIBE 151 FILMES, ENTRE CURTAS, MÉDIAS E LONGAS-METRAGENS EM PRÉ-ESTREIAS E MOSTRAS TEMÁTICAS



Programação audiovisual, toda gratuita, será no Centro de Convenções e na Praça Tiradentes, em Ouro Preto, e pela plataforma cineop.com.br; entre as sessões, a Mostra Histórica resgata duas décadas de produção indígena e revela um dos recortes mais pujantes e estimulantes da realização cinematográfica no país.

De volta ao presencial depois de anos, a CineOP – Mostra de Cinema de Ouro Preto chega à 17ª edição com uma programação de 151 filmes, entre pré-estreias contemporâneas e mostras temáticas. Serão exibidos 20 longas, 14 médias e 117 curtas-metragens, vindos de 8 países (Brasil, Argentina, Bolívia, EUA, Israel, Peru, Rússia, Uruguai) e de 21 estados brasileiros (AC, AL, AM, AP, BA, CE, DF, ES, GO, MA, MG, MT, PA, PB, PE, PR, RJ, RR, RS, SC, SP), distribuídos em oito mostras: Contemporânea, Homenagem, Preservação, Histórica, Educação, Mostrinha e Cine-Escola. A grade ainda será acompanhada, ao longo de seis dias de evento, de debates, seminários e atividades complementares que dialoguem diretamente com a experiência dos filmes. As exhibições vão ser no Centro de Artes e Convenções e na Praça Tiradentes, em Ouro Preto, e também online, em cineop.com.br. Toda programação é gratuita.

MOSTRA HISTÓRICA

O recorte desse ano se dá a partir da proposição “*Cinemas Indígenas: Memórias em Transmissão*”. Nos últimos 20 anos, vivencia-se uma transição progressiva para a autocriação de filmes de povos indígenas, sem interferências de não-indígenas na construção da estética e da linguagem, o que traz a percepção e recepção cada vez mais amplas das singularidades formais dessa produção. A curadoria de Cleber Eduardo atentou para isso e fez seu recorte a partir dessa autêntica novidade no cenário de produção brasileiro. Houve o movimento deliberado de se evitar um recorte puramente histórico, como se convencionou em outras edições, e priorizar universos fílmicos que soassem mais urgentes e palpantes.

“*Foi como cheguei na produção indígena, ao perceber que ela sempre foi tratada um tanto na paralela do cinema brasileiro, e nunca tanto agregada ao cinema brasileiro. Então me interessava mergulhar nesses filmes e detectar mudanças de fases e traços de singularidade ou, no nosso palavrório branco-ocidental, alguma autoralidade*”, comenta o curador. Da empreitada, ele recortou 35 títulos que estão na programação da CineOP, de 17 povos distintos. “*O que vejo nessa programação são dois grandes grupos de filmes muito particulares: os que giram em torno da terra, do território, das demarcações, das invasões, nos quais a presença branca é sempre o inimigo, sejam*

atritos do passado ou do presente; e os que trabalham a resistência de certas tradições, rituais e reelaborações identitárias a partir de suas espiritualidades”.

A partir disso, Cleber elaborou títulos para as sessões: Políticas da imagem e terras em disputa, que inclui filmes como “Já me Transformei em Imagem” (Zezinho Yube, 2008) e “Zawxiperkwer Ka’a – Guardiões da Floresta” (Jocy Guajajara e Milson Guajajara, 2019); e Mitos, espíritos e a vida, que conta com trabalhos como “Nguné Elu: O Dia em que a Lua Menstruou” (Takumã Kuikuro, Maricá Kuikuro, 2004) e “Watoriki Xapiripë Yanopë: Casa dos Espíritos” (Morzaniel Iramari, Dário Kopenawa, 2010).

A homenagem à dupla de cineastas M’bya Guarani: Kuaray (Ariel Ortega) e Pará Yxapy (Patrícia Ferreira) inclui diversos filmes realizados por eles, incluindo os títulos da abertura oficial, na noite de 23 de junho: “Bicicletas de Nhanderú” (2011) e o curta-metragem “Nossos Espíritos Seguem Chegando – Nhe’e Kuery Jogueru Teri” (2021).

MOSTRA PRESERVAÇÃO

Os filmes da Mostra Preservação se atentam aos trabalhos audiovisuais que, como definido por uma das curadoras, Fernanda Coelho, são *“objetos de memória, que são estudados para educar e fazer história, que perpetuam suas reflexões”*. Para Fernanda e Daniela Giovana Siqueira, também curadora, a temática *“Memória audiovisual no Brasil: resistência e resiliência no tempo”* permitiu a elas que, a partir da questão indígena como símbolo de luta e permanência no tempo, descobrissem um universo grande e invisibilizado. *“Entramos em contato com a produção de periferias, de imigrantes, de MST, que se espalharam pelas sessões e pelas mesas de debate. Uma produção que não é tão visível como os filmes mais ‘oficiais’, e sim de grupos invisibilizados”*, diz Fernanda.

Serão então tratados e exibidos na CineOP filmes de núcleos ligados a povos indígenas, movimento de sem-terra, LGBTQIA, imigrantes, comunidades, movimentos negros e outros. *“Temos duas vertentes: trazer as pessoas que estão pensando em guardar e preservar essas produções; e a preocupação técnica de como fazer isso”*.

Na programação de filmes da Preservação, o espectador em Ouro Preto tomará contato com alguns trabalhos que nem mesmo a autoria se faz conhecida, por se apresentarem como formas de registro fora dos cânones, como é o caso de *“Viagem a Manaus”* (título atribuído, direção desconhecida), que integra o programa de cinco filmes silenciosos em bitola 9,5mm do acervo do Laboratório Universitário de Preservação Audiovisual da Universidade Federal Fluminense, digitalizados pelo próprio Lupa-UFF, entre 2021 e 2022, a partir da constituição de uma estrutura interna para digitalização de filmes de arquivo.

Além destes, a Mostra Preservação traz à luz processos de restauração e resgate de filmes importantes, ou que tenham a memória como elemento constituinte de sua feitura, como *“São Paulo em Hi-Fi”* (Lufe Steffen, 2013), que resgata histórias das noites gays em São Paulo nas décadas de 1960, 1970 e 1980 e a relação com a ditadura e a explosão do vírus HIV; e *“Cine Marrocos”* (Ricardo Calil, 2021), no qual tem-se a história de sem-teto, refugiados africanos e imigrantes latino-americanos que ocuparam o prédio de um antigo cinema do centro de São Paulo e o processo artístico que os transformou em estrelas de cinema.

Por fim, há a sessão especial de *“História da Guerra Civil”* (Dziga Vertov, Nikolai Izvolov, 1921-2021), que recupera um dos filmes perdidos da Rússia pós-revolução e dirigido por um de seus maiores nomes. Conecta-se ainda a essa exibição o case de restauro online: A Guerra Civil na Rússia pela Câmera de Dziga Viértov e o Restauro do Filme 100 Anos Depois – com Nikolai Izvolov, responsável pela organização, reconstituição e restauração da obra.

MOSTRA EDUCAÇÃO

Este ano acontece, na Mostra Educação, houve o movimento de aproximar o cinema ameríndio dos processos educacionais num momento de “audiovisualização da vida” por conta da pandemia, como afirma Adriana Fresquet, curadora, junto com Clarisse Alvarenga. Um dos destaques é a série “La Combi del Arte: Dicionários Audiovisuais Comunitários”, desenvolvido pela convidada peruana Teresa Castillo com o objetivo de revitalização das línguas indígenas. *“Ela viaja produzindo, com as comunidades nativas, uma série de ações para fortalecer e revitalizar as respectivas línguas a partir do aprendizado e técnicas audiovisuais”*, conta Fresquet. Parte desse trabalho de Castillo será apresentado nas sessões dos “Dicionários” na CineOP, assim como na masterclass da própria realizadora.

A presença do documentarista e professor boliviano Miguel Hilari inclui na CineOP alguns de seus trabalhos mais essenciais: “O Curral e o Vento” (2014), que se conecta à origem aymara do cineasta por meio de imagens e sons que evocam o tempo e espaço andinos; e “Companhia” (2019) e “Bocamina” (2020), de clara inspiração nas suas origens e na defesa da educação do campo. *“Ele estará conosco também contando seus processos de criação e os processos de formação que realiza com jovens na Bolívia”*, adianta Adriana Fresquet.

Ainda conectada a atividades extras – no caso, a masterclass da professora e realizadora argentina Aldana Loiseau sobre processos de criação envolvendo a técnica da animação, em que os elementos a serem animados estão vinculados à terra –, haverá também as sessões de filmes Tierra Animada e Pacha: Somos Barro, que mostram seus trabalhos em stop motion.

MOSTRA CONTEMPORÂNEA

Os filmes da Mostra Contemporânea tiveram curadoria de Camila Vieira, a partir de mais 1.000 curtas inscritos e 57 médias, dos quais estarão em Ouro Preto 28 curtas e um média, incluindo três sessões na Praça, espaço tradicional das exibições na CineOP. Numa relação com a temática geral do evento, a curadoria selecionou, em especial para a praça, documentários em torno de personagens que contam a história de um lugar ou de lutas, como “Santo Rio” (Lucas de P. Oliveira e Guilherme Nascimento), que resgata São Sebastião do Soberbo, comunidade destruída para a construção da Usina Hidrelétrica Candonga, em Minas Gerais. Ou “Central de Memórias” (Rayssa Coelho e Filipe Gama), sobre quatro mulheres sobre um bairro de Vitória da Conquista (BA) e o encontro com o universo do cinema nos anos 1990.

Camila também destaca documentários que recuperam lembranças de famílias a partir de registros domésticos. *“São atravessamentos que tentam restaurar relações que já se foram e são reconstruídas pela experiência dos filmes”*, diz ela. Entre esses trabalhos, estão “Sei que é Tudo Memória” (Nathália Oliveira), no qual a diretora faz um processo de luto e afirmação da vida a partir da morte dos pais; e “O Lugar que Somos” (San Marcelo), em que a personagem se vê num dilema, após ser demitida, entre o sonho de ser dançarina profissional ou ficar perto da família e enfrentar os problemas diários agravados pela condição física da mãe.

“Para a programação on-line da mostra, pois parte da programação será híbrida, temos duas sessões de recorte mais conceitual”, adianta Camila Vieira. Ela se refere à sessão Preservar a História e seus Registros, composta por cinco curtas-metragens: “Quem de Direito”, de Ana Galizia; “Ressaca”, de Andrea França; “Ensaio sobre Abismos ou as Imagens que Resgastei de Algum Lugar da Minha Mente”, de Rafael Luan; “Carta para Glauber”, de Gregory Baltz; e “Cinzas Digitais”, de Bruno Christofolletti Barrenha.

Novamente em parceria com a TV UFOP, a 17ª CineOP conta ainda com duas sessões de

curtas brasileiros realizados em universidades, escolas de cinema ou núcleos de formação em audiovisual, apresentados na plataforma do evento e na grade da TV Ufop.

Foto: Divulgação

<http://www.jornalpanfletus.com.br/noticia/3066/com-sessoes-presenciais-e-online-17-cineop-exibe-151-filmes-entre-curtas-medias-e-longas-metragens-em-pre-estreias-e-mostras-tematicas> em 02/06/2026 11:44